



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS**

GÉSSICA FREITAS VAZ

**A METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA DIANTE DAS
DIVERSIDADES LINGUÍSTICAS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO
8º ANO DA ESCOLA ELANO DE PAULA**

Itapecuru-Mirim
2017

GÉSSICA FREITAS VAZ

**A METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA DIANTE DAS
DIVERSIDADES LINGUÍSTICAS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO
8º ANO DA ESCOLA ELANO DE PAULA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Licenciatura em Língua portuguesa e
Literaturas de Língua portuguesa da
Universidade Estadual do Maranhão-Campus
de Itapecuru-Mirim à obtenção do Grau de
Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Maria da Conceição
Aparecida Nogueira da Cruz Muniz

Itapecuru-Mirim
2017

GÉSSICA FREITAS VAZ

**A METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA DIANTE DAS
DIVERSIDADES LINGUÍSTICAS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO
8º ANO DA ESCOLA ELANO DE PAULA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Licenciatura em Língua portuguesa e
Literaturas de Língua portuguesa da
Universidade Estadual do Maranhão-Campus
de Itapecuru-Mirim à obtenção do Grau de
Licenciada em Letras.

Aprovada em: ___/___/___

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Esp. Maria da Conceição Aparecida Nogueira da Cruz Muniz
Orientadora

Prof^a. Msc. Maria Lúcia de Sousa Holanda
1º Examinador

Prof^o. Esp. Maurílio Barros Cardoso
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, por ter me concedido saúde, força e disposição para fazer a faculdade e o trabalho final de curso. Sem Ele, nada disso seria possível. Também sou grato ao senhor por ter dado saúde aos meus familiares e tranquilizado o meu espírito nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica até então.

Agradeço aos meus pais por terem me apoiado, dando força e por sempre me direcionarem ao caminho certo. Agradeço também a todos os meus amigos que colaboraram nesta minha caminhada acadêmica, todos têm uma participação importantíssima em minha vida.

Agradeço também ao meu esposo, por sempre me dar forças e compreender meus momentos de ausência quando se fazia necessário para estudo e elaboração da minha monografia.

Na oportunidade agradeço de maneira especial à família Sampaio por ter se disponibilizado a me ajudar no momento que mais precisei e se estou concluindo este curso devo a eles também.

Agradeço de modo especial a minha orientadora professora Aparecida Muniz, pela sua dedicação e orientação durante todo o tempo, sendo peça chave na conclusão da presente monografia.

Dedico esta monografia a minha família e a meu esposo, que sempre me apoiaram e me incentivaram a realizá-la.

“(...) é importante termos em mente que as línguas são heterogêneas, não são sistemas perfeitos, prontos, acabados”.

(Paulo Freire)

RESUMO

A presente Monografia tem como foco o ensino de Língua portuguesa e a diversidade linguística dos alunos do 8º ano do ensino fundamental da Escola Elano de Paula. Conscientes da desvalorização das variações linguísticas que ocorrem dentro das escolas por parte dos professores, em especial os de Língua portuguesa, procura-se por meio da referida monografia analisar como ocorre o processo de ensino das normas padrão da Língua portuguesa diante desse fato e como os educadores trabalham essas diversidades linguísticas em sala de aula, pois, até hoje existe uma discriminação muito exacerbada com relação a essas variantes. Alguns professores ainda alimentam a ideia que a escola é um ambiente para se aprender somente o português padrão, menosprezando as variedades linguísticas de seus alunos, tratando-as como verdadeiros “erros” de português. Diante disso, faz-se necessário que se tenha consciência da importância da existência dessas diversidades linguísticas por parte dos professores para a partir daí repassarem a seus alunos como forma de valorização cultural, sendo dever do professor também orientá-los quanto as suas multiplicidades de uso.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Diversidades. Linguística. Variação. Ensino.

ABSTRACT

The present Monograph focuses on the teaching of Portuguese Language and the linguistic diversity of the students of the 8th grade elementary school of the Elano de Paula School. Aware of the devaluation of the linguistic variations occurring within the schools by the teachers, especially those of Portuguese Language, this monograph seeks to analyze how the teaching process of the standard Portuguese Language standards occurs in the face of this fact and how the educators work these linguistic diversities in the classroom, because, until today, there is a very exacerbated discrimination with respect to these variants. Some teachers still support the idea that the school is an environment to learn only standard Portuguese, neglecting the linguistic varieties of its students, treating them as true "errors" of Portuguese. Faced with this, it is necessary to be aware of the importance of the existence of these linguistic diversities on the part of the teachers to then pass on to their students as a form of cultural valorization, being the duty of the teacher also to guide them as to their multiplicities of use.

Keywords: Portuguese language. Diversities. Linguistics. Variation. Teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 VARIEDADES LINGUÍSTICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	12
3 CONCEPÇÕES TEÓRICAS	14
3.1 Variação linguística: com a palavra os teóricos	16
3.2 Norma Padrão e Variação Linguística na sala de aula	18
4 VARIAÇÃO VESUS PRECONCEITO	20
4.1 Família, aluno e educador; os caminhos do preconceito linguístico.....	21
5 METODOLOGIA.....	24
5.1 Participantes da pesquisa	24
5.2 Coleta de dados.	25
5.2.1 Observação.....	25
5.2.2 Questionário.....	25
6 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS.....	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE	

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que existe um grande preconceito em relação às diversidades linguísticas dentro do âmbito escolar e, portanto, os professores de Língua portuguesa (especificamente) precisam estar atentos quanto à valorização dessas variantes, pois, ao adentrarem a escola, os alunos já trazem consigo uma linguagem própria, bem diferente dos padrões exigidos pela gramática normativa.

Partindo-se deste pressuposto, a presente monografia tem como tema, o Ensino de Língua portuguesa e a Variação Linguística encontrada na sala de aula do ensino fundamental. E como delimitação do tema: a metodologia do ensino de Língua portuguesa diante das diversidades Linguísticas dos alunos do Ensino Fundamental do 8º ano da Escola Elano de Paula.

Neste sentido, direcionando-se por meio da constatação que a variação linguística sempre esteve presente desde os primórdios na língua materna, são perceptíveis as mudanças que ocorreram para a renovação da língua, revelando não haver caráter homogêneo e estático, mas sim, uma língua viva que se renova a cada dia, caracterizada pelo o homem e sua natureza diversificada espalhada pelas várias regiões do país ou, mais especificamente, centrada na localidade em que esses alunos - alvo da pesquisa - estão inseridos. Dessa forma, pode-se lançar um questionamento: Como o professor de Língua portuguesa, sobretudo do ensino fundamental, lida com as diversidades linguísticas de seus alunos em sala de aula?

Sabe-se, contudo, que muito antes das camadas populares adentrarem a escola, o ensino era oferecido somente àqueles com um alto poder econômico, ou seja, os alunos seletivamente privilegiados eram também os mais ricos, especialmente em instituições particulares. Porém, logo o ensino universalizou-se, dando oportunidade para que (também as pessoas menos favorecidas) pudessem estudar. Esta situação provocou, de certo modo, muitos conflitos dentro das escolas, pois, as instituições da época eram feitas para atenderem somente a população de maior poder aquisitivo, seguindo assim um modelo elitista e, como parte obrigatória, a utilização da língua padrão. A partir daí começou a surgir o preconceito com as diversidades linguísticas existentes, ocorrendo uma desvalorização da linguagem das camadas populares no interior das escolas nesse período.

Assim sendo, percebe-se que este preconceito, unido à desvalorização dessa linguagem, é algo presente na sociedade contemporânea e, principalmente, dentro

das escolas, uma vez que alguns professores ainda não conseguiram suplantar ou mesmo se desvencilharem desses padrões de ensino elitista, onde preza somente pelo ensino e valorização da norma padrão da Língua portuguesa.

Diante disso, vê-se o crescimento exagerado do preconceito linguístico dentro das escolas, onde o professor acredita e faz com que o aluno também creia na ideia de que o seu modo de falar é errado. A partir dessas internalizações, por parte dos professores em relação aos alunos em dizer que eles falam errado, alguns estudantes se tornam tímidos, com um medo latente de exporem o seu próprio pensamento, não interagindo pelo fato de acreditarem que a verbalização de uma linguagem “despadronizada” provocará repressões ou chacotas por meio de seus colegas por que não seguiram rigorosamente os padrões exigidos pela comunidade escolar.

Destarte, percebe-se que há uma predisposição entre os linguistas na linha da concepção de linguagem sob o viés sócio interacionista, partindo da inferência de que o aluno necessita compreender que a língua tem a função de estar inserida numa prática social localizada na sociedade a qual é partícipe, com uma história e uma cultura que devem ser respeitadas para garantir o desenvolvimento sociolinguístico e o exercício da cidadania.

Nessa perspectiva, faz-se necessário enfatizar que os professores de Língua portuguesa precisam estar atentos quanto à valorização dessas variantes, pois, ao adentrarem a escola todos os alunos já trazem consigo uma linguagem própria, bem diferente dos padrões exigidos pela gramática normativa. Dessa forma, Bortoni-Ricardo (2004, p.37), diz que: “até hoje, os professores não sabem muito bem como agir diante dos chamados ‘erros’ de português”. De acordo com a autora, percebe-se que a afirmativa é verdadeira, pois a maioria dos professores mostra-se totalmente despreparada quanto a esta questão. É por este motivo que o preconceito e a desvalorização dessas variantes aumentam tanto a cada dia. Ainda de acordo com a autora, nota-se que: “erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua”. (Bortoni-Ricardo 2004,p.37). É exatamente isso que os professores precisam entender: a língua materna é heterogênea e todas essas variedades que a língua apresenta são inerentes a ela.

De tal modo, partindo-se das ideias aqui apresentadas, essa monografia baseia-se em um objetivo: Compreender como as diversidades linguísticas são tratadas no âmbito escolar pelos professores de Língua portuguesa; Para isto, serão

tratados alguns aspectos, como: a averiguação de quais estão sendo as metodologias usadas pelo professor no processo de ensino aprendizagem da língua portuguesa diante das diversidades linguísticas encontradas no léxico de seus alunos; a investigação sobre o fato de o professor valorizar ou não as diversidades linguísticas na sala de aula, conseqüentemente se este trabalha com tais variantes e suas multiplicidades de usos com seus alunos e; a aquisição do conhecimento sobre os mais diversos tipos de variação linguística, nos seus contextos de uso.

A referida monografia justifica-se pela necessidade de conscientização por parte dos professores de que não existem “erros” de português, pois, a língua é multifacetada, permitindo aos indivíduos os mais diferentes usos. Portanto, baseando-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997,p.33) se afirma que: “há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas”. Sendo assim, o problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. É de extrema importância que haja, por parte das escolas e por todo o seu corpo docente, a valorização das duas formas linguísticas: a forma escrita e a oral. Tendo consciência de que ambas têm o mesmo grau de importância dentro da sociedade, onde, a única diferença existente entre elas é apenas a sua aplicabilidade de uso.

Portanto, para melhor compreensão dos fatos abordados, a referida monografia será dividida em capítulos que abordam temas como: Variedades Linguísticas no Ensino Fundamental, Concepções Teóricas (contendo dois subcapítulos) e Variação Versus Preconceito. Expondo da mesma maneira a Metodologia e os seus desdobramentos utilizados na aplicação deste estudo, que geraram, posteriormente, a Análise de Dados, provocando discussões e sendo concluídas nas Considerações Finais.

2 VARIEDADES LINGUÍSTICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Durante toda a vida escolar há uma cobrança na linguagem dos alunos para que a fala seja uniforme e perfeita, fala esta que chamam de “português padrão”, considerando, deste modo, que qualquer outra forma de fala é “errada”, desvalorizando assim a língua materna, aquela que se aprende em casa com a família e grupos de amigos.

Desde a primeira série do ensino fundamental, os professores tentam internalizar (de maneira rápida e objetiva em seus alunos) que o jeito certo de falar é este aprendido nas escolas e que todo seu dialeto materno é errado por não seguir os padrões exigidos pela sociedade escolar. Contudo, esta forma de agir é um dos grandes problemas dentro das escolas, pois a maioria dos alunos não consegue se adequar aos padrões exigidos e acaba desistindo de estudar, por medo de ser constrangido na presença dos colegas de turma.

Para Soares (1995,p.10), “nossas escolas ainda estão longe de ser uma escola para todos, pois têm se mostrado incompetentes para lidar com a educação das camadas populares, acentuando cada vez mais as desigualdades sociais.” De acordo com a autora, sabe-se que isto é um agravante muito sério dentro das escolas, pois essa inabilidade dos professores ao lidar com a língua das camadas populares gera um grande preconceito linguístico, resultando em fracasso escolar e um índice de evasão elevada.

Dessa forma, os professores têm que estar atentos a esse problema, procurando enfatizar em suas aulas a existência das diversidades linguísticas e os seus mais variados contextos de uso, uma vez que, estando conscientes das variedades que a língua sofre, o professor promoverá em seus alunos a autoconfiança da fala, ajudando-os a falar sem medo de qualquer tipo de preconceito linguístico, já que este ele saberá adequar-se aos contextos de fala a qual estiver inserido, como Bortoni-Ricardo (2006) afirma:

Os alunos devem se sentir à vontade para falar em sala de aula, independentemente do dialeto usado por eles, variedade-padrão ou não padrão. Quando o aluno fizer o uso da variedade não-padrão, o professor pode retomar a fala do aluno e utilizar a norma-padrão para que possam comentar sobre as diferenças das duas variantes, permitindo assim que o aluno perceba a variação linguística e consiga ter um pensamento crítico sobre as diferenças linguísticas (BORTONI-RICARDO, 2006, p.17).

A autora alude sobre esta questão de forma que o professor evite que o preconceito ocorra, utilizando a variedade da fala do aluno para comparar com o modo padrão e explicar a ele as diversidades linguísticas existentes em nossa sociedade, fazendo-o entender que não existe jeito errado de falar, o que existem são apenas variações no modo de falar em cada indivíduo.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que no Brasil apresenta-se de maneiras diversificadas quanto à forma de falar, cada região tem um modo próprio de fala e não se pode desconsidera-la, pois, esta é de certa forma a identidade cultural do indivíduo. Quanto ao ensino das normas padrão da Língua portuguesa, afirma-se a importância no seu ensino, mas isso não anula a língua materna dos estudantes. Neste aspecto, menciona-se que o professor precisa ter consciência das diversidades linguísticas e das suas multiplicidades de uso, para que também conscientize os seus alunos, fazendo-os valorizarem tais diversidades.

Sob esta mesma égide, quando não há aceitação das diversidades linguísticas dentro da escola, de modo especial, pode-se (muitas vezes) gerar o preconceito linguístico, que geralmente acontece quando a escola e o professor acreditam que o ambiente escolar foi criado para que se aprendam somente as normas padrão da língua e, as variantes linguísticas de seus alunos, precisam ser consideradas como erros gramaticais gravíssimos.

Por outro lado, quando a escola compreende a importância das variantes linguísticas, tem início uma preocupação em conscientizar os seus alunos sobre as mais variadas formas do uso da língua, sendo ela padrão ou não, fazendo do educando alguém sem medo de expressar as suas ideias e que valoriza a sua cultura, haja vista o fato de saber que a maioria dos alunos das mais diversas escolas é de origem interiorana, onde seu modo de falar ocorre de maneira despreocupada e espontânea, sem monitoramento da fala. Isso acontece em função da sua convivência diária, que dar-se em meio a tantas pessoas que nunca frequentaram a escola, sendo por isso tão importante a valorização das diversidades linguísticas, por que só assim ele aprende a valorizar tanto sua língua materna quanto a língua dita padrão, sabendo exatamente onde usar cada uma delas.

3 CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Sempre que se fala em diversidade linguística em sala de aula refere-se às diversas maneiras de falar do aluno, e isso requer bastante atenção e valorização por parte dos profissionais da educação em especial os de Língua portuguesa. Mas, apesar dos estudos desenvolvidos e voltados para a temática, ainda não se deu o devido valor a essas diversidades linguísticas e às influências culturais e sociais que fazem dessa língua algo tão diversificado.

Ao se considerar que as variedades linguísticas advêm de influências culturais, sociais e regionais, compreende-se mais facilmente que a língua é um conjunto de códigos linguísticos, dinâmico e flexível, onde cada grupo de falantes cria e recria constantemente o seu modo de falar, a fim de interagir melhor com o meio que o cerca, percebendo que a língua é de caráter variável.

Nesta visão e, de acordo com o pensamento de Antunes (2009), tem-se:

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua (ANTUNES, 2009, p. 22).

Portanto, não se pode pensar em heterogeneidade, se não for mudada a forma de pensar que aponta a língua como seguidora de uma forma única de fala em todos os lugares. Pelo contrário, a heterogeneidade linguística é entendida como uma língua que sofre variação no tempo e na história de cada indivíduo. E, no âmbito escolar não tem que ser diferente, uma vez que os professores precisam trabalhar essas diversidades linguísticas em seus alunos, não desprezando a língua que o seu aluno traz de casa. Por isso é tão importante que a escola conscientize os seus alunos sobre as diversidades de fala que a língua apresenta.

Sobre estas ideias, Bortoni-Ricardo, (2004) vem afirmar:

É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização, tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas[...]Mais importante ainda é observar o devido respeito às características culturais e psicológicas do aluno (BORTONI-RICARDO, 2004, p.42)

Há de se convir que o papel do professor não é o de estigmatizar a língua que trazida pelo aluno do seu convívio social ou familiar, mas sim o de orientar quanto às

diversidades da língua. Parafraseando Bortoni-Ricardo (2004), deve-se dar o devido respeito a essas características culturais da língua de seus alunos, pois, é notadamente sabido que antes de se adentrar a escola a criança é apresentada primeiramente à língua do convívio familiar e dela advém todas as outras. Diante disso, não se podem considerar como erros essas diversidades linguísticas, haja vista elas serem apenas diferentes modos de fala.

Ainda de acordo com Bortoni-Ricardo (2005).

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Portanto, o objetivo da escola frente às diversidades linguísticas que envolvem os alunos é a de conscientizá-los sobre as multiplicidades da língua, de modo a respeitar as peculiaridades linguísticas dos membros da comunidade escolar, sem, de forma alguma, substituí-la pela língua institucionalizada. Mostrando as variações linguísticas e seus contextos de usos, os alunos saberão onde aplicar cada uma delas.

Desse modo, as escolas precisam compreender que, não é apenas a língua padrão, ou seja, a língua institucionalizada que deve ser aprendida e valorizada, ela é apenas umas das várias formas de uso da língua que precisam ser estudadas, principalmente por que a língua é um dos bens e maneiras mais importantes de ascensão social. Por isso todas as diversidades linguísticas devem ser valorizadas.

Como afirma Bagno (2002):

É interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que este espaço deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p. 134)

Por se viver em uma sociedade em que a transformação é uma constante, faz-se necessário perceber a impossibilidade que a língua tem de permanecer estática, sem sofrer influências do tempo e da própria sociedade. Dessa forma, os professores devem levar isto para a sala de aula, conscientizando a escola como um todo, das diversidades existentes na língua, presentes no dia a dia dos indivíduos.

Por conseguinte, é preciso que a escola compreenda que cada indivíduo é composto linguisticamente de várias influências, que são elas: geográficas, econômicas, históricas, políticas, sociológicas e estéticas. Cada uma delas gera uma variedade. Estas variedades só enaltecem a cultura linguística de cada indivíduo.

Nesse contexto não se pode mais considerar a ideia de que exista apenas um modo de falar correto, desconsiderando as variedades linguísticas taxando-as de “erros”. Assim, para elucidar esse aspecto, vale ressaltar as palavras de Preti (1982,p.27), onde afirma que: “o que se procura na fala de um indivíduo são os índices de sua classificação social. Para a autora o indivíduo sofre influências linguísticas de três modos específicos: Influências Geográficas; Influências Sociológicas; Influências Contextuais”.

Em vista disso, o professor tem que estar atento a essas influências que o indivíduo sofre dentro da sociedade para que oriente os seus alunos com relação a cada uma delas.

Por sua vez, as Influências Geográficas citadas também por Preti (1982), dizem respeito às regionalidades de cada indivíduo. Um paulista, por exemplo, faz uso de um sotaque diferente dos nordestinos e, portanto, sua linguagem difere-se em termos geográficos; Do mesmo modo, as Influências Sociológicas ocorrem quando o indivíduo sofre influências linguísticas do seu grupo de amigos, da sua família, das redes sociais, ou seja, a sociedade como um todo influencia no modo de falar de cada indivíduo; e as Influências Contextuais, por sua vez, acontecem quando se adequa o modo de falar de acordo com o contexto a qual se está inserido, seja ele na escola, em casa, no trabalho e etc.

3.1 Variação Linguística: com a palavra, os teóricos

A variedade linguística existe desde sempre na sociedade, como já se sabe, essas variações vão desde as influências geográficas, culturas, sociológicas e contextuais às influências por meio da faixa etária, do grupo social ou cultural. Assim sendo, a língua está em constante transformação e, diferentemente do que muitos pensam, a língua é multifacetada, existindo várias maneiras de falar a mesma coisa. Essas variações na língua ocorrem porque tem como princípio fundamental a comunicação e por isso a língua sofre constantes transformações, pois, não se trata de um elemento fechado e imutável.

Para Bortoni-Ricardo (2004), os principais fatores responsáveis pela variação linguística são:

Os grupos etários: em uma mesma família, de uma mesma região, os avós falam diferente dos filhos e dos netos; o gênero: as mulheres costumam usar mais diminutivos, e a linguagem dos homens é mais marcada pelos palavrões ou gírias; o status socioeconômico: diferenças que representam desigualdades na distribuição de bens materiais que acabam refletindo em diferenças sociolinguísticas; o grau de escolarização: os anos que um indivíduo frequentou a escola interfere diretamente em seu repertório linguístico; e a rede social: indivíduos de uma mesma classe social adotam comportamentos semelhantes, inclusive características de seu repertório sociolinguístico. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 47.)

De acordo com a autora, são vários fatores responsáveis pela variação existente na língua, dessa forma é impossível pensar em um único jeito de falar, uma maneira estanque. O indivíduo está sendo influenciado linguisticamente o tempo todo, porque dentro da sociedade a qual está inserido, encontram-se diariamente todos os níveis de fala, que partem do grupo etário até o grau de escolarização de cada pessoa.

Nessa estética Marcuschi (2007) colabora dizendo:

[...] toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relação linguísticas imanentes. Ao contrário, minha concepção da língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível à mudança), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminada sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situação de uso concretas, com texto e discurso. (MARCUSCHI, 2007, p. 43)

Em tal aspecto, o autor foi bem preciso quando se referiu à língua tratando-a como algo variável e mutável e que está em constante transformação, desmistificando a ideia de que a língua é um sistema homogêneo, que não sofre variação alguma, seguindo sempre a mesma forma. Para ele a língua se manifesta sempre de maneira variável, dinâmica e suscetível às mudanças.

Outros autores importantes mencionam estes aspectos da língua, como Bagno (2008) que corrobora:

É preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados. (BAGNO, 2008, p.16)

De acordo com o autor, a sociedade atribui somente às camadas populares a existência da variação linguística, isso porque a classe mais abastada supõe não fazer uso dessas variações, afirmando que, para haver um nivelamento linguístico, o indivíduo tem que aprender a falar “corretamente” para que se assemelhe aos falantes urbanos e socialmente prestigiados, mas, na verdade isso não passa de um mito, pois, até estes (considerados altamente escolarizados, como diz Bagno), fazem o uso de variantes, pelo fato de não estarem monitorando a sua fala o tempo todo.

3.2 Norma Padrão e Variação Linguística na sala de aula

Pode-se afirmar que a escola como um todo prima por uma única forma de fala, não permitindo “erros” quanto à língua, havendo uma supervalorização das normas padrão, em que todos os esforços de ensino-aprendizagem se resumem em ensinar a gramática normativa aos seus alunos. Mas, a língua não segue um padrão único de fala, não sendo ela pronta e acabada. Dentro da sala de aula, o professor ainda deixa muito a desejar no que diz respeito ao tratamento das variedades linguísticas de seus alunos, desvalorizando todas as variedades que os seus alunos trazem do convívio cotidiano.

Quanto ao tratamento das variações em sala de aula Glauber (2009) diz:

Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para a democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante. (GLAUBER, 2009, p. 46)

Conforme a autora supracitada, a escola tem o dever de valorizar as variedades encontradas no léxico de seus alunos respeitando essas peculiaridades da língua. Mas, quando se fala em valorizar e respeitar essas variedades linguísticas não se quer dizer que o aluno não deva conhecer e aprender as variantes de prestígio, pois, se, são essas variantes de prestígio que levam o indivíduo a uma ascensão social, ele não deve ser eximido desse direito.

Portanto, o professor deve incluir em seus ensinamentos o ensino da língua e os tipos de variações linguísticas e seus contextos de usos, podendo usar essas

variantes encontradas em sala de aula para utilizar como exemplos e relacionando-os com a norma padrão.

De acordo com os PCNs (1997):

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758 10 oral são pertinentes em função da interação comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p. 32)

Diante da citação acima, pode-se perceber que o problema não é falar “certo” ou “errado”, mas é saber como falar e a escola tem o papel de orientar os seus alunos como e quando usar determinado modo de fala, conscientizando-os e orientando-os sobre os contextos de uso, dessa maneira ele saberá adequar sua fala de acordo com a ocasião, mas, o que geralmente ocorre é a negação dessas variedades da língua dentro da escola por parte dos professores que consideram a variação linguística um erro e afirmam que os alunos necessitam se adequar às normas padrão da língua. Por outro lado, o professor que orienta os seus alunos sobre as variedades linguísticas, faz dele alguém sem medo de expressar suas ideias, pois ele saberá sempre onde e quando usar determinado modo de fala. A escola não deve reprimir seu aluno por fazer uso das variedades linguísticas, pois, vive-se em um país de múltiplas formas de fala e com uma pluralidade cultural muito grande e que deve ser valorizada dentro das escolas e pelos seus docentes.

4 VARIAÇÃO VERSUS PRECONCEITO

Compreende-se que a língua está sempre sujeita a sofrer variações e essa é uma característica de toda e qualquer língua. Dessa maneira, o indivíduo está sempre sendo influenciado linguisticamente pelo meio que os cerca, seja ele o contexto histórico, geográfico ou sociocultural. A língua é a principal ferramenta para que haja comunicação entre as pessoas e toda e qualquer variedade encontrada na língua não deve ser considerada errônea. Quando se denomina essas variações encontradas na língua como “erro”, comete-se o que se chama de preconceito linguístico, ocorrendo quando se defende uma língua de status imposta pela sociedade de prestígio considerando apenas a norma padrão da língua como “correta”.

Em relação ao preconceito linguístico, Bagno (2009,p.56) afirma que: “se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários (...)”. Conforme o autor, é a partir dessa ideia que se percebe como surge o preconceito, uma vez que ele só existe por ser internalizado desde os primeiros dias escolares, quando se constata existir apenas uma maneira de falar o português: aquela encontrada nos livros e dicionários, tratando a língua como algo uniforme e, qualquer variedade que nela se apresente, devem ser consideradas “erros”.

Destarte, há sempre uma pressão para que se deixe de lado a língua materna adotando como língua digna de uso apenas a norma padrão e quando de alguma forma não se segue à risca o que é imposto, estará sujeito a sofrer o preconceito linguístico, pois, muitos ainda não o conhecem, ou se tem o entendimento, desprezam a variedade linguística por acharem inúteis. Assim sendo, depreende-se que a língua é algo multifacetada e heterogênea, cabendo a cada falante adequar o seu discurso ao contexto onde está inserido.

Bagno (1999), afirma o que se enunciou acima, quando diz:

Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. (BAGNO, 1999, p 10)

De acordo com a citação, o autor fala sobre o preconceito linguístico e a manipulação ideológica, onde ele defende a ideia de que o preconceito surge diante

da intolerância a algo. Onde todos de certa forma são persuadidos a aceitar os padrões que a sociedade elitista impõe e é exatamente o que ocorre com a língua, havendo um preconceito linguístico exacerbado quando se fala em variação, pois a língua que a sociedade impõe e que considera correta é apenas a norma padrão, apresentando a gramática como principal manual de aprendizado desta.

Neste mesmo sentido e ainda de acordo com Bagno (1999), afirma-se que:

A gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia. (BAGNO, 1999, p.10)

Há, dessa forma, a afirmação de que a gramática é algo estanque e ultrapassado, se referindo a ela como uma grande poça de água parada, enquanto a língua é algo vivo e que sofre variações constantemente e que se renova de maneira incessante tratando-a como um rio, por sempre está em movimento.

Portanto a variação que a língua apresenta é apenas a manifestação de uma língua viva, sujeita às mudanças constantes e ao preconceito em relação a essas variantes, que só existe por falta de conhecimento dos indivíduos que não se propõem a conhecer a língua, sofrendo do mesmo mal da gramática ao se tornar alguém com conhecimentos ultrapassados e estanques.

4.1 Família, aluno e educador; os caminhos do preconceito linguístico

A família é a primeira comunidade de fala onde o indivíduo se insere, é nesse ambiente que ele começa a adquirir um dialeto típico do cotidiano em que se encontra, sem monitoramento da fala, com o despojamento cotidiano que permite ao indivíduo ter uma identidade cultural. Mas, quando adentra a escola eles são apresentados a um novo padrão linguístico, com uma linguagem monitorada diferente daquela que costumam usar no seio familiar e em seus grupos de amigos. Assim, é a partir dessa apresentação da língua institucionalizada que nasce o preconceito linguístico, pois, muitos professores e a escola como um todo ainda não conhecem ou não aceitam a pluralidade linguística que existe e que nenhuma maneira de falar é errada desde que o aluno saiba onde aplicá-la. Mas, a escola ao invés de enaltecer a identidade cultural de cada aluno, passa a desvalorizar a língua que seu aluno aprendeu em casa, no seu cotidiano, tratando-a como erro.

Portanto, estes são os caminhos que levam ao surgimento do preconceito por parte da língua dentro do âmbito escolar, o não reconhecimento e aceitação das variantes existentes na língua. Muitos professores banalizam a língua cotidiana do aluno, corrigindo-o em sala de aula e até mesmo constrangendo-o.

Sobre isto, nota-se que, segundo Bortoni-Ricardo (2004):

Esses são os três ambientes onde uma criança começa a desenvolver o seu processo de sociabilização: a família, os amigos e a escola. Podemos chamar esses ambientes, usando uma terminologia que vem da tradição sociológica, de domínios sociais. Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais[...] os papéis sociais são construídos no próprio processo da interação humana. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.23)

Para a autora, a criança se desenvolve socialmente dentro de três ambientes: a família, os amigos e a escola, onde chama esses ambientes de domínios sociais. São nestes domínios sociais que a criança desenvolve suas habilidades comunicativas, pois a partir daí elas assumem um papel social dentro de cada domínio, logo, uma linguagem própria de cada ambiente onde os quais estão inseridos.

Contudo, torna-se importante a conscientização das variações linguísticas e seus contextos de usos, mostrando a cada indivíduo qual o seu papel linguístico dentro da sociedade, para que facilite o processo de interação humana.

Segundo Bagno (1999,p.9), “uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.” Observando-se tal pensamento, pode-se perceber que o preconceito em relação à língua dá-se mediante a ideia de que a gramática é a língua, quando na verdade a gramática é apenas uma tentativa de explicar a própria língua ou até mesmo um esboço de uma língua da qual poucos conseguem adaptar-se, tornando-se uma língua desconhecida e sistemáticas para muitos.

Sobre essa questão vale ressaltar os comentários de Tarallo (1994,p.8) quando afirma que: “tal preconceito situa-se na existência de uma língua padrão e numa não-padrão e por existir essa diferença começa o chamado caos linguístico”. Para o autor, o preconceito linguístico só existe porque a sociedade procurou fazer uma distinção da língua padrão e da língua não-padrão, criando segundo ele um caos linguístico. Assim sendo, se não houvesse essa distinção de línguas mas, sim uma

conscientização dos contextos de sua aplicabilidade, o preconceito linguístico talvez não existiria.

Neste aspecto a escola é também responsável por passar os conhecimentos necessários para que o aluno consiga a ascensão social, sendo dever, igualmente importante dela, orientar os seus alunos com relação ao preconceito linguístico. Contudo, esses direcionamentos só serão bem sucedidos, caso a escola esteja consciente de que a língua não segue um padrão único, estando ela em constante transformação, tendo consciência também de que ao ensinar os seus alunos que a língua que eles trazem do seu cotidiano não está errada, o professor não está induzindo-o a falar errado e sim a valorizar a sua língua e a sua cultura.

5 METODOLOGIA

Na realização desta monografia que versa sobre as diversidades linguísticas dentro da sala de aula, foram utilizados os métodos de observação e questionário. Segundo Gil (2010, p. 100) “a observação apresenta como principal vantagem, em relação às outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação.”

A observação como citado por Gil, é um meio que permite observar o campo de pesquisa de maneira natural, permitindo-lhe a compreensão exata dos fatos ocorridos sem que haja interferência para que aconteça, ou seja, tudo ocorre de maneira espontânea, desse modo torna-se mais fácil compreender como de fato o professor de Língua portuguesa trabalha as diversidades da língua na sala de aula e se realmente trabalha essa questão com os alunos.

Quanto ao método questionário, Malhotra *et al* (2005,p.228), diz que, um questionário é um conjunto de perguntas para obter informações do entrevistado e devem conter perguntas fáceis de serem respondidas, que motivem o entrevistado a responder todo ele, se mantendo envolvido, minimizando erros de resposta.

O questionário foi elaborado de acordo com o problema apresentado, as perguntas formuladas objetivaram a investigar o professor a respeito do ensino de Língua portuguesa frente às diversidades linguísticas de seus alunos e como ele utiliza essas diversidades dentro da sala de aula.

5.1 Participantes da Pesquisa

A pesquisa contou com a participação de três professores de língua portuguesa da Escola Elano de Paula, onde responderam um questionário contendo 09 questões, referindo-se às metodologias trabalhadas pelos professores na conscientização das variações linguísticas em sala de aula.

Os professores entrevistados foram: Cosme Damiana Costa Mendes que tem 35 anos e cursou Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, exercendo a profissão há 10 anos; Marcia Regiane Pereira Correia, tendo 33 anos, cursou Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e exerce a profissão há 13 anos e Iracely Pereira da Silva com 34 anos, cursou Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e exerce a profissão há 15 anos.

5.2 Coleta de Dados

A coleta de dados deu-se seguindo dois métodos de pesquisa, a observação e o questionário.

5.2.1 Observação

Durante a observação feita em sala de aula, percebeu-se a falta de conhecimento do professor e do corpo docente da escola ao se depararem com a diversidade linguística de seus alunos. Foi bem perceptível o desprezo pela língua materna e a supervalorização da gramática.

Para Rúdio (2002,p.128) “o termo observação possui um sentido mais amplo, pois não trata apenas de ver, mas também de examinar e é um dos meios mais frequentes para conhecer pessoas, coisas, acontecimentos e fenômenos”. Segundo o autor a observação não se limita em apenas ver mas sim examinar o que se pretende alcançar, considerando esse método como um dos mais eficazes para que se conheça desde pessoas a fenômenos de maneira natural e atenta.

5.2.2 Questionário

Com a aplicação do questionário pode-se perceber que a teoria anda bem longe da prática, dois dos três professores que responderam os questionários tiveram grande dificuldade em responder, julgando o tema como de difícil abordagem e algumas das respostas obtidas não condizem com a realidade observada.

Por isso fez-se necessário o uso do questionário, a fim de obter respostas para serem analisadas e se realmente a teoria caminha junto à prática possibilitando também a obtenção de resultados para serem tabulados na pesquisa.

Conforme Gil (2008,p.122) “um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas irão proporcionar dados ao pesquisador para descrever a características da população pesquisada”. De acordo com o autor pode-se perceber a importância do questionário na pesquisa de campo, pois ele propicia ao pesquisador a obtenção de respostas mais concisas para que se chegue ao objetivo principal da pesquisa.

6 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

A seguir serão apresentados os dados da pesquisa, que foram obtidos por meio de um questionário aplicado aos professores de Língua portuguesa. Para melhor compreensão dos dados, serão demonstrados em gráficos os resultados obtidos na pesquisa.

Gráfico 01

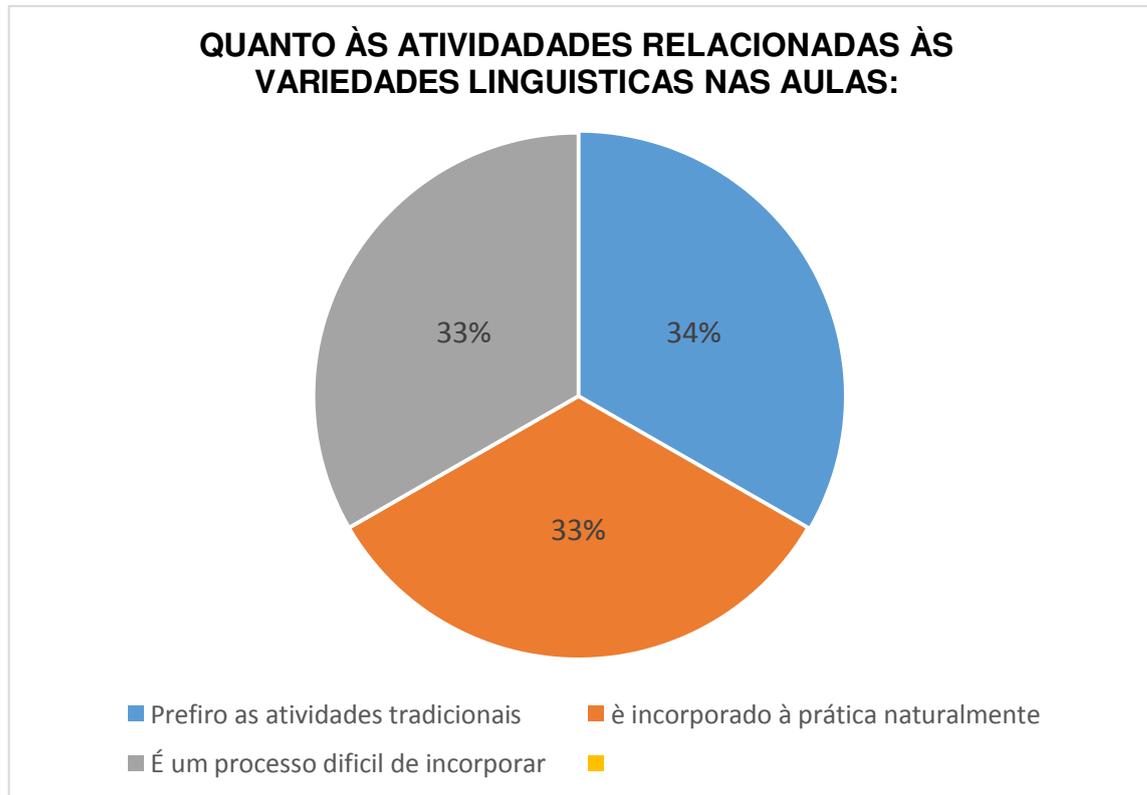


Fonte: Elaboração própria

De acordo com os resultados obtidos no *gráfico 01*, 67% dos entrevistados aplicam atividades que valorizam as variedades linguísticas dentro da sala de aula, pois a consideram de fundamental importância, por permitir o aluno conhecer as variedades linguísticas existentes e se adequar aos mais variados contextos de uso. Pois, com o conhecimento dessas variantes o aluno se comunicará melhor sabendo sempre adequar seu dialeto ao contexto.

Em contrapartida somente 33% responderam que só trabalham as variantes dentro da sala de aula às vezes. Alegando trabalhar somente quando há necessidade ou quando essas variantes estejam inseridas dentro do assunto que está sendo abordado em sala, pois o déficit de leitura e escrita acaba dificultando a compreensão por parte dos alunos com relação a essas variantes, caso contrário, este tema não é abordado em turma.

Gráfico 02



Fonte: Elaboração própria

Em conformidade às respostas do *gráfico 02*, 33% respondeu que as atividades relacionadas às variedades linguística nas aulas, são um processo incorporado a prática naturalmente. Porque a língua portuguesa está em constante transformação e a diversidade de sotaques e modos de falar representam uma riqueza cultural que é preciso valorizar, dessa forma é introduzido de maneira natural para que o aluno tenha um olhar reflexivo sobre as variedades linguísticas.

Outros 34%, responderam que preferem atividades tradicionais. Alegando que há uma grande dificuldade em inserir atividades relacionadas a variedades linguísticas nas aulas porque na concepção dele vai acabar confundindo a cabeça do aluno, deixando-o sem entender o modo certo e errado de falar.

Já os outros 33% julga ser um processo difícil de incorporar. Pois, nem sempre a realidade encontrada em sala de aula facilita o trabalho desse tipo de conteúdo. Levando em consideração que o aluno não sabe fazer uso adequado nem das normas que é ensinado nas aulas. Se incorporarem as atividades sobre essas variações nas aulas, irá confundir ainda mais o aluno com relação ao uso adequado da língua.

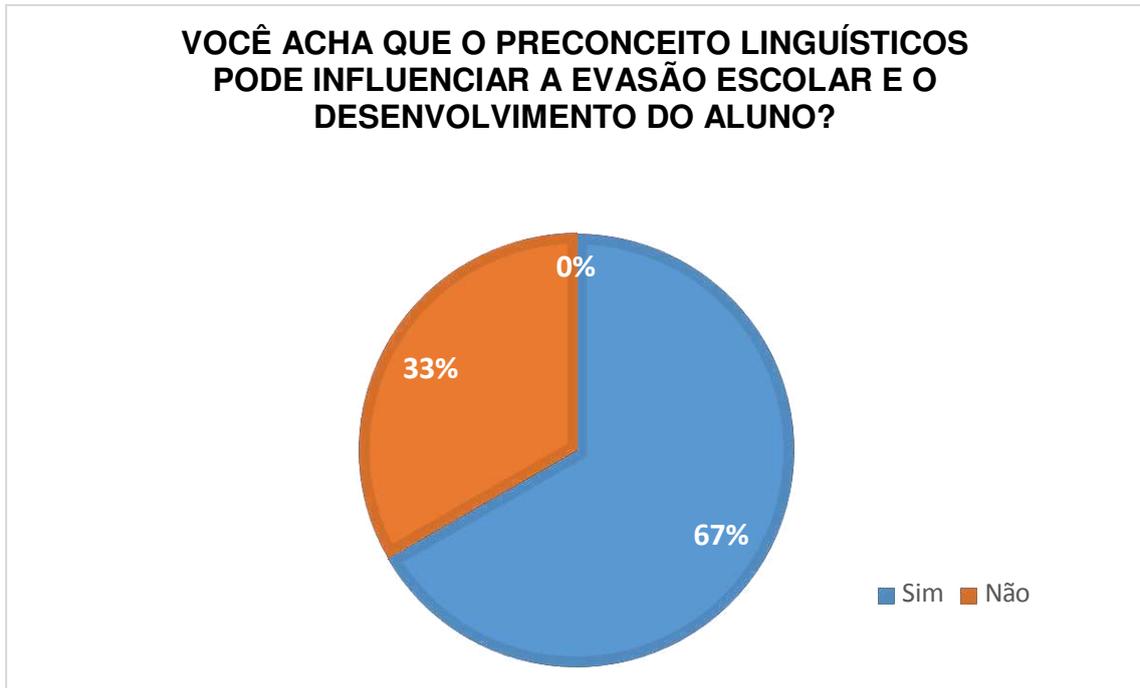
Gráfico 03

Fonte: Elaboração própria

De acordo com *gráfico 03*, obteve-se 62% das respostas dos professores, julgando ter muita importância às variações linguísticas em suas práticas pedagógicas. Pois, muitas vezes o preconceito linguístico contra determinada forma de falar, está diretamente relacionada a falta de conhecimento adequado quanto a essas variantes. Por isso é de fundamental importância que dentro das práticas pedagógicas exista uma conscientização a respeito de cada variante encontrada no léxico de cada aluno, para que não ocorra este preconceito.

Em contrapartida 38% das respostas julgaram ter uma importância razoável, pois o que é de fundamental importância é falar bem, independentemente do local que o aluno esteja inserido, caso ele faça uso em sala de algum tipo de variação, o professor procura intervir e fala em qual contexto aquele dialeto deve ser melhor empregado. Portanto existem várias outras práticas pedagógicas de maior importância, como por exemplo, o incentivo à leitura e a escrita, pois a mesma possibilita o aluno a alcançar “voos mais altos”, quanto as variações linguísticas ele deve aprender naturalmente, observando a linguagem utilizada em cada ambiente onde o mesmo encontra-se, a partir daí o aluno por si só fará uma reflexão acerca dessas diferenças no léxico de cada pessoa e procurará se adaptar a elas de maneira natural.

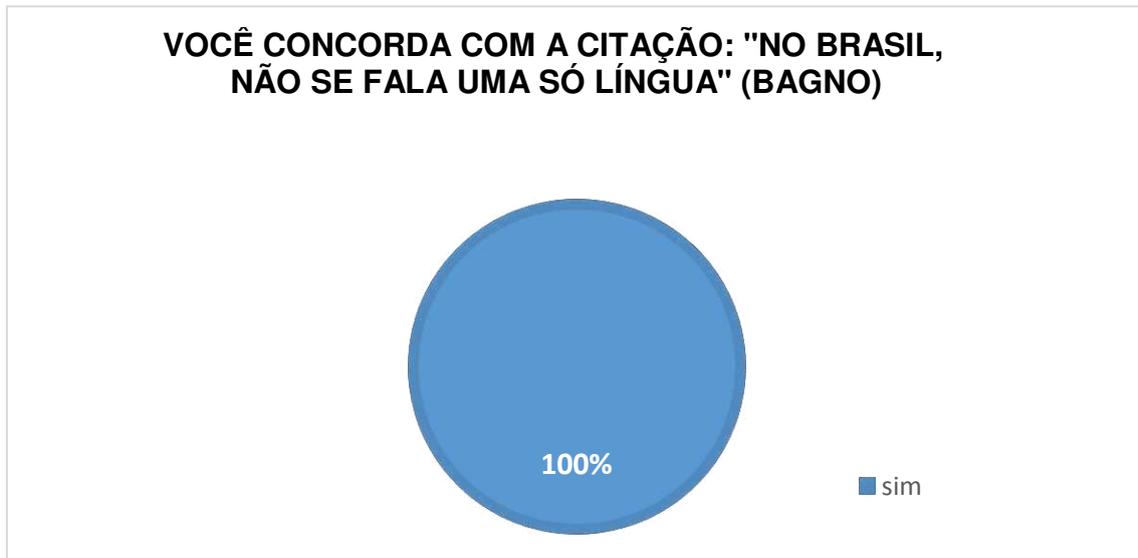
Gráfico 04



Fonte: Elaboração própria

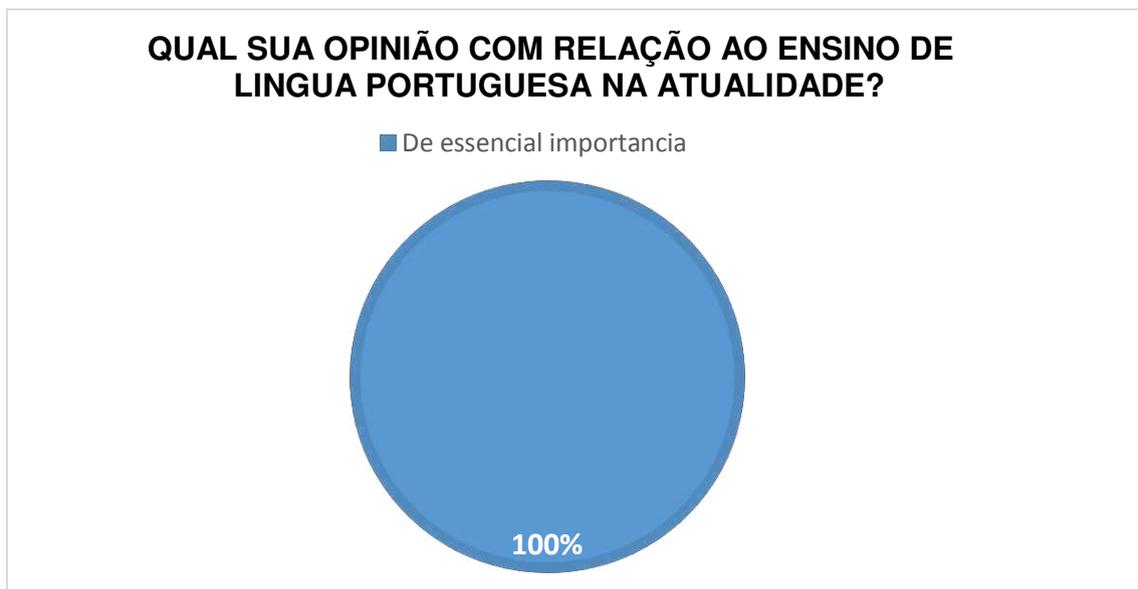
No *gráfico 04*, 67% responderam *sim*, acreditando que o preconceito linguístico pode influenciar na evasão escolar. Pois, existe hoje dentro das escolas um grande preconceito linguístico por parte dos alunos e de alguns professores com aqueles que utilizam algum tipo variedade. Acreditando haver uma regra geral quanto à fala e isso acaba contribuindo para a evasão, pois a maioria dos alunos não consegue fazer uso das normas do português dito padrão e por não conseguirem se adaptar acabam evadindo.

Mas, 33% responderam *não*, alegando ter outros motivos com um peso bem maior que favorece a evasão escolar e o desenvolvimento dos alunos. A variação não provoca a evasão, pois eles já estão acostumados a ouvir todos os dias pessoas falando igual a eles, seja em casa ou na rua, o que pode acontecer quanto a esse preconceito por parte da língua é apenas uma inibição ao tentar se comunicar, pois ele logo pensa que irão zombar dele por falar errado, mas, quanto ao preconceito linguístico não é algo para se preocupar, tendo outros agravantes dentro da escola que contribuem para que aconteça essa evasão, como por exemplo, a falta de interesse pelos estudos e a dificuldade de entendimento acerca dos assuntos repassados, desse modo o aluno fica desmotivado em ir à escola e acaba evadindo.

Gráfico 05

Fonte: Elaboração própria

Diante da pergunta exposta no *gráfico 05*, obtiveram-se 100% de *sim* nas respostas. Todos os entrevistados alegaram que o Brasil é um país de pluralidades cultural e linguística muito grande e que a língua é algo que está em constante transformação.

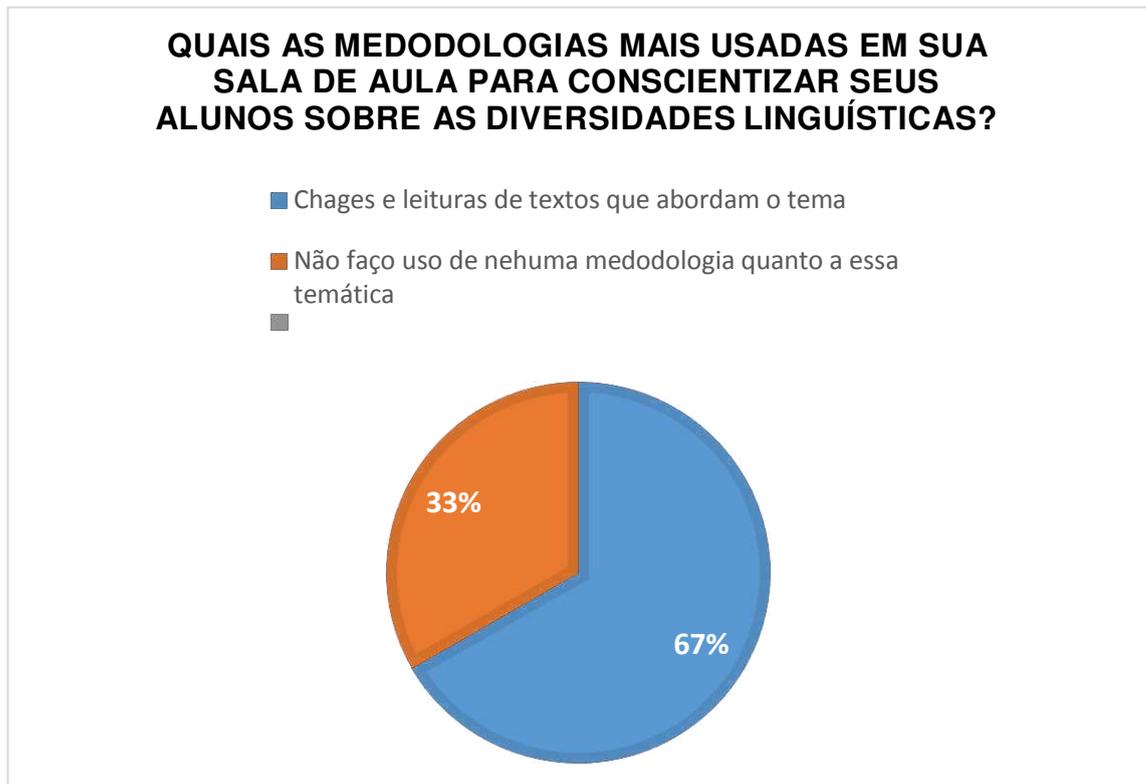
Gráfico 06

Fonte: Elaboração própria

De acordo com os dados obtidos no *gráfico 06*, 100% dos entrevistados consideraram que o ensino de língua portuguesa é de fundamental importância, pois possibilita que o aluno aprenda a se comunicar e a escrever bem, fazendo bons

usos das normas da língua portuguesa, facilitando ainda mais sua ascensão dentro da sociedade e posteriormente em seu ambiente profissional.

Gráfico 07

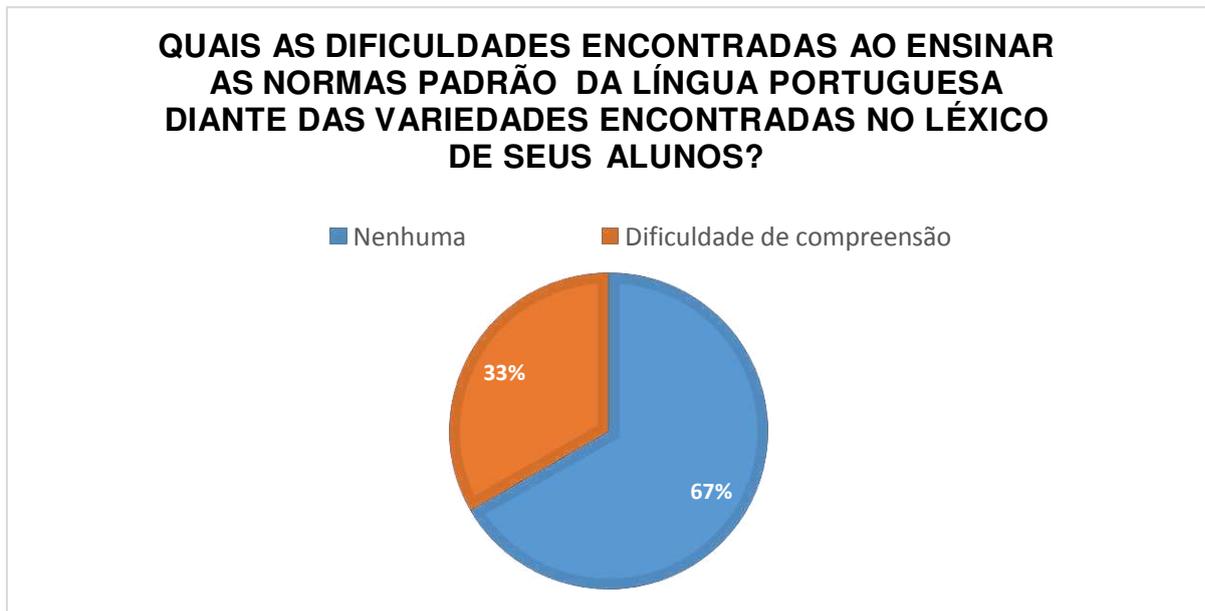


Fonte: Elaboração própria

No *gráfico 07*, 67% usam como Metodologia de conscientização sobre as diversidades linguísticas, charges e leituras de textos que abordam o tema, considerando ser de mais acessibilidade e de maior entendimento por parte dos alunos, pois sempre colocam textos de diversos tipos de linguagens para que os alunos façam uma comparação da linguagem e variação utilizada em cada texto dado e a partir daí eles acabam fazendo uma reflexão acerca da mesma. E o uso da charge é outro facilitador da conscientização das variantes linguísticas por trazerem em suas historinhas sempre uma linguagem acessível e descontraída.

Já os 33% responderam que não fazem uso de nenhuma metodologia que venha conscientizar seus alunos sobre as variações linguísticas, pois consideram desnecessário ter conteúdos voltados para essa temática por acreditarem que a escola é lugar de aprender as normas padrão da língua.

Gráfico 08



Fonte: Elaboração própria

No *gráfico 08*, 67% dos entrevistados não encontraram nenhuma dificuldade ao ensinarem a normas padrão da língua portuguesa mesmo tendo muitos alunos fazendo uso de variedades linguística. Pois os professores conseguem inserir de maneira natural atividades que enaltecem a língua materna bem como as normas padrão da língua portuguesa e na maioria das vezes as variantes encontradas no léxicos dos alunos são usadas como exemplos de comparação de uma variedade a outra, para que os mesmos faça sempre o paralelo da contextualidade e a aplicabilidade da língua, e a partir disso as aulas fluem de maneira satisfatória.

Mas 33%, consideram a dificuldade de compreensão dos alunos com relação as normas padrão o maior obtáculo de ensino, pois como já trazem consigo uma linguagem própria do seu cotidiano ele acaba considerando aquela forma de falar unânime entre as demais e isso faz com que eles não se concentrem nas aulas por pensarem que já sabem falar bem.

No entanto, é sabido que, o que deixa o aluno sem ânimo para se dedicar a tal disciplina é o conteúdo monótono e rotineiro, sem um método inovador utilizado pelos professores para utilizar em sala, fazendo das aulas de português algo totalmete enfadonho tanto para o professor quanto para o aluno, pois a maioria dos professores só se importam em repassar o conteúdo.

Gráfico 09



Fonte: Elaboração própria

No *gráfico 09*, 67% acham importante a valorização das variedades linguísticas dentro da sala de aula, pois o aluno já chega na escola com um conhecimento prévio da língua, e portanto acompanhado da variedade linguística adquirida seja pelo contexto social no qual está inserido, seja em função de sua faixa etária entre outros. Portanto faz-se necessário dentro da escola a valorização da mesma, procurando sempre conscientizá-los sobre seus contextos de uso, além disso sempre é bom ressaltar que o conhecimento é importantíssimos com relação a essas variantes pois permitirá que o aluno se sinta mais à vontade para se comunicar sem que sofra preconceito linguístico.

Os outros 33% responderam que às vezes é importante que se trabalhe as variedades linguísticas dentro da sala de aula, mas não é algo de extrema importância, por existirem outros agravantes que corroboram para a dificuldade de aprendizagem dos alunos, assim, quando eles utilizam uma variante que não condiz com o contexto que está inserido o professor deve interrompe-lo e de maneira sutil o corrige e logo em seguida utiliza esta oportunidade para ensinar onde e quando usar essas variantes, mas geralmente a abordagem acontece de maneira rápida e superficial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, pode-se concluir que o ensino de língua portuguesa precisa ser revisto, de maneira que possam pôr em prática os estudos acerca da língua, esta que precisa ser vista como multifacetada e com variedades que a caracterizam como heterogênea.

Diante do exposto, percebeu-se a dificuldade dos professores de Língua portuguesa em aceitar a língua materna e a necessidade dela ser trabalhada dentro das escolas, possibilitando que o aluno tenha conhecimento de todas as variantes da língua e suas mais variadas formas de uso. Muitos professores continuam presos a antiga maneira de ensinar a língua portuguesa, pois o mesmo considera a língua como algo estático não aceitando que a mesma sofre variações, desse modo ele repassa ao aluno a ideia de que existe uma só língua digna de ser aprendida e falada, desconsiderando a língua que seu aluno traz do convívio do seu cotidiano taxando-a como errada.

Os dados obtidos na pesquisa ressaltaram ainda mais o despreparo dos professores ao lidar com a diversidade linguística de seus alunos, onde alguns deles demonstram não aceitar de maneira nenhuma que a língua por ser “viva” sofre variações constantes.

Com a finalidade de conhecer como o professor trabalha as variações linguísticas em sala de aula, foram utilizados dois métodos de pesquisa que propiciaram grande compreensão do processo de ensino-aprendizagem usado pelos professores na conscientização das variações linguísticas com seus alunos, sendo eles a observação e o questionário. Com a observação notou-se que dentro da sala de aula os professores quase nunca abordam as variações linguísticas, deixando a desejar muito quanto ao ensino dessas variantes.

O questionário respondido trouxe-nos a ideia de que é preciso que o professor alie mais a teoria a prática para que assim o aluno possa realmente aprender como e quando fazer uso de uma variante e que não existe apenas as normas padrão da língua portuguesa para serem faladas e seguidas.

Os professores precisam conscientizar-se de que toda e qualquer variedade da língua precisa ser valorizada, transmitindo assim todo o conhecimento necessário quanto aos contextos de uso e sua aplicabilidade. Sendo a língua uma capacidade inerente do ser humano, torna-se de suma importância a valorização da mesma.

Quando se fala em valorização da língua materna em sala de aula não significa dizer que a língua institucionalizada deve ser esquecida, o que não se pode fazer é negar ao aluno o conhecimento acerca das variações linguísticas existentes em nossa sociedade. Pois, ele precisa aprender que não existe uma única maneira de falar, que a língua varia dependendo de sua região, do seu grupo de amigos, da sua faixa etária do seu convívio familiar e que a língua pode variar também dependendo da cultura que o mesmo está inserido.

Portanto os professores devem valorizar a língua do cotidiano de seus alunos, pois eles trazem consigo um dialeto cheio de marcas culturais e a escola não pode desvalorizar a cultura do educando, pelo contrário a escola deve ampliar cada vez mais os conhecimentos linguísticos dos mesmos, tendo como principal tarefa a conscientização dessas variantes linguística e seus contextos de uso, desse modo o professor estará contribuindo ainda mais no crescimento educacional de seus educandos. E dentro do grande leque de variações linguísticas estão também inclusas a língua institucionalizada, pois ela também é uma variante da linguística.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua, Texto e Ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino.** São Paulo: Parábola, 2002b.
- _____. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- _____. **Heterogeneidade lingüística e o ensino da língua: o paradoxo da escola.** In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nos chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Secretaria de Educação fundamental, 1997, p. 19-41.
- GABLER, Iracema. **Práticas de Linguagem: Contexto Social, Diferenças e Preconceitos.** Curitiba: Editora CRV, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. - São Paulo :Atlas, 2008.
- _____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: Atlas 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (2007). *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização.* São Paulo: Cortez
- MALHOTRA et al.,. **Introdução a Pesquisa de Marketing.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira.** 4 ed. rev. e modificada, com a reelaboração de vários capítulos. São Paulo. Nacional, 1982.
- RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 13.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: 1994